

JUSTAMENTE PORQUE SONHÁVAMOS

Stella Maris

A porta da verdade estava aberta, mas naquela época não imaginávamos que o drama do nosso Frederico era muito maior, muito mais difícil e complicado. Por que ele fez o que fez e como chegou a esse ponto era uma coisa muito mais misteriosa do que o nosso destino de largados. Outro emaranhamento era o professor Marcelo, às vezes porfiava: de que adianta ter boas ideias, se não sei lutar por elas? De modo tímido, falava de política e direitos humanos, de manifestações nas ruas por todo o Brasil e principalmente, de jovens ocupando escolas. O assunto – jovens ocupando escolas – afogueava a gente. Ficávamos imaginando como seria isso, que riscos e que loucuregrias ocupar escolas trazia. Sentíamos inveja daqueles que ainda tinham liberdade para isso, liberdade que nos escapara fazia tanto tempo. O professor explicava as razões dos estudantes e rapidamente já estávamos rindo ou chorando com eles, nos mesmos corredores, salas e pátios. Dos policiais sentíamos a igual violência. Em Ponta Escura, a juventude vivia num lugar parado no tempo e podia entender muito bem o que é viver num lugar que voltou no tempo. O professor Marcelo recitava o poema Verdade. Ainda assim, a gente não sabia praticamente nada antes do estranho desaparecimento dos nossos dois amigos. Quanto ao traidor, que inimigo sem nome era ele?

Bem-vinda, princesa, diriam os Bobos Sonhadores à filha do rei e da rainha, que a abandonaram como tantos outros pais abandonaram seus filhos em Ponta Escura. Dali em diante, a princesa faria parte da nossa turma, por mais inesperado que fosse. Mas antes, olha a terlinta da boca maldita sem a companhia de jovens tão solitários quanto ela, que veio passar a semana santa em Ponta Escura com a Virgínia protegida na mala. Virgínia que sairia intacta de dentro de uma blusa de lã vermelha, prontinha para provar que a solidão pode ser resplandecente. A terlinta Lucília. Mas antes, o problema do nosso Frederico parecia até simples e o professor Marcelo era apenas aquele das melhores aulas de português de todos os tempos e que transformava a biblioteca do colégio na melhor biblioteca do mundo.

(Primeiras linhas do romance "Justamente porque sonhávamos", de Stella Maris Rezende, editado pela Globo Livros, Altamente Recomendável para Jovens pela FNLIJ e selecionado para o Catálogo da Feira do Livro de Bolonha)

Advertência: este texto foi liberado exclusivamente para o projeto Combinando Palavras, sendo assim terminantemente proibida qualquer reprodução!

A CASA MÁGICA

Stella Maris

Diante da tia, estende os braços, mas recolhe-os depressa, ao constatar que os braços da tia não se estendem para ela. Melhor assim. O cheiro de inhaca é forte. Tia Felícia decerto não toma banho com frequência. As duas vão andando em direção à porta principal da velha casa da família em Morada Nova, a casa que foi do Olinto do Paulo. Tia Felícia na frente, magrinha e espigada. Rosalina um pouco atrás, observando os gatos do mato espalhados pelo jardim. São dezenas. Rosalina não gosta de gatos, mas hoje são seus bichos prediletos. Nossa, tia, quantos gatos no jardim! Sabia que eu também adoro gatos? Lá em casa eu tenho dois, um macho e uma fêmea, Titico e Teteca. Inventar os nomes rápido, convém manter a possibilidade da aproximação.

Titico e Teteca. Até que soa bem. Rosalina acompanha os passos da tia e, ao vê-la abrir totalmente a porta principal, pensa em dar as costas e sair correndo, fugir, desistir do que veio fazer. Não sabe direito o que veio fazer, na verdade. Atendeu ao pedido de Dorlinda, preocupou-se com a preocupação dela. Sente-se guiada pela frase “amar é uma dor linda” e bate os olhos nos móveis da sala imensa.

Tudo é muito. A mesa de madeira escura é muito larga e muito comprida. O lustre dos anos 1940 é muito bonito e muito empoeirado. As cadeiras que rodeiam a mesa são muito altas e

muito bem torneadas no espaldar. As três cristaleiras são muito grandes e muito cheias de louças. Os sofás e as poltronas são muito velhos. O belo piso de ladrilho hidráulico está muito encardido. Não sei o que veio fazer aqui. Tia Felícia está muito desgostosa com a visita.

Depois da sala de estar, entra-se numa sala com armários altos e largos, cheios de livros por detrás dos vidros. Disfarçadamente, Rosalina aproxima-se de um deles e tenta abrir a porta, para constatar que está trancada. Sim, claro, a tia Felícia tranca os livros nos belos armários. Empoeirados, mas ainda belos.

Dorlinda explicara que a biblioteca da Alice era um assombro de tão estupenda. Eu tentei trazer os livros para a nossa casa, Rosalina, mas a Felícia não abre mão de ser a guardiã dos livros da família. Rosalina conversara tantas vezes com a mãe sobre isso! Não entendo, mãe, você é muito mole, muito resignada. Gosta de ler e concorda em deixar os livros da família trancados na casa da rua Engrácia Maria do Rosário. Sou fraca mesmo, filha. Não dou conta de peitar a minha irmã. Ela se enfurnou naquela casa e não cansa de repetir: aqui só entra, daqui nada sai. Rosalina cresceu ouvindo “aqui só entra, daqui nada sai”, quando a mãe se resigna e anui que de fato não consegue enfrentar a irmã.

Então Rosalina pergunta, apenas para confirmar o que já sabe: quantos livros nesses armários, hem, tia Felícia? Que maravilha! Está lendo qual? Passam-se alguns instantes. Tia Felícia vai andando em direção ao corredor de tábuas escuras. Rosalina vai atrás e vê que as portas dos quartos, à esquerda e à direita, também estão trancadas. São dez quartos, cinco de cada lado. Não preciso ler mais nada, já estou velha demais para isso, já sei tudo da vida.

Rosalina aperta os lábios e continua a andar atrás da tia. Há um banheiro à esquerda e outro à direita. Abertos, porque há coisas mais urgentes do que o papo de teima da tia. Já sabe de tudo da vida, mas continua precisando de banheiro. Vou jogar uma água no rosto, Rosalina diz, apenas para observar as antiguidades do banheiro à esquerda. Tia Felícia não se detém, não espera por ela.

Trecho de "A casa mágica", de Stella Maris Rezende, editado pela Globo Livros. É o mais novo romance da escritora.

Advertência: este texto foi liberado exclusivamente para o projeto Combinando Palavras, sendo assim terminantemente proibida qualquer reprodução!

ESSES LIVROS DENTRO DA GENTE

Stella Maris

Uma conversa com a pessoa que escreve

Tem que saber ler as mãos. Qual alma cigana, ter disposição para viajar a qualquer instante. Escrever é uma viagem. Uma busca de não sei o quê. Uma doida aventura.

Exige-se também a leitura atenta das árvores, das pedras, dos rios, das estrelas, dos mares, dos ventos, dos prédios, dos ônibus, dos medos, dos sustos, dos gritos, das festas, das manchas de óleo e das xicrinhas de café.

Tem que ouvir histórias, muitas histórias, de preferência histórias de assombração contadas por uma avó bem misteriosa e ladina. Na falta da avó, trate de ouvir a professora, a vizinha, o motorista de táxi, o vendedor de quebra-queixo, o entregador de panfleto.

Qualquer história pode ser muito boa.

O que fascina é o modo de contar.

Tem que saber ouvir o motor de poesia do vôo de um beija-flor. Vê-lo ficar estátua, com as asinhas batendo pausas. E nada de imprudências, cuidado, vê se deixa o beija-flor fazer o serviço dele.

Tem que saber ouvir a tosse de um velho cego, a casca de laranja que lhe roda entre os dedos e a faca, o arranhar da gola do paletó no pescoço, o estalar da língua no céu da boca.

Tem que saber ouvir os jovens e as mulheres.

Exige-se ternura.

Uma infinita ternura.

Para com todos os seres humanos.

Tem que saber ouvir a mentira, a insídia, o desespero e o abandono. E pinçar a sutileza, a possibilidade, a fresta, a riqueza humana, o outro lado do ser.

Tem que ouvir a montanha, que traz o montanhês, que traz o montaraz, que grita pelo monteiro, quedê o pequeno lobo? Que uma palavra puxa outra, olha aí, Monteiro Lobato; tem que ouvir Monteiro Lobato.

Trechos do livro “Esses livros dentro da gente – uma conversa com a pessoa que escreve”, de Stella Maris Rezende, editado pela Imperial Novo Milênio, ilustrações de Patrícia Melo. Altamente Recomendável para Jovens pela FNLIJ.

Advertência: este texto foi liberado exclusivamente para o projeto Combinando Palavras, sendo assim terminantemente proibida qualquer reprodução!

A MOCINHA DO MERCADO CENTRAL

Stella Maris

Então estava ali. Num cenário de filme. Ela que dizia que não gostava de livros. Alguém havia deixado um volume sobre a mesa. Nídia pegou o livro e começou a folhear. A tia Marta ia ficar feliz de saber que, além de entrar, ela teria olhado um livro.

Ela ficou olhando aquele livro. Na capa estava escrito Fernando Pessoa. Ela se lembrou de que Fernando é de origem germânica e significa “o guerreiro destemido”.

Um pouco curiosa, começou a ler as palavras daquele guerreiro destemido. Foi lendo. Foi lendo.

"Não sei quantas almas tenho,
Cada momento mudei.
Continuamente me estranho.
Nunca me vi nem achei.
De tanto ser, só tenho alma.
Quem tem alma não tem calma"

Não dava conta de parar de ler.

"Atento ao que sou e vejo,
Torno-me eles e não eu.
Cada meu sonho ou desejo
É do que nasce e não meu"

O que eram essas palavras, minha Nossa Senhora?

"Sou minha própria paisagem;
Assisto à minha passagem,
Diverso, móbil e só,
Não sei sentir-me onde estou"

Isso já existia e ela não sabia?

"Por isso, alheio, vou lendo
Como páginas, meu ser.
O que segue não prevendo,
O que passou a esquecer"

Foi lendo. Foi lendo.
Voltou ao primeiro verso.

"Não sei quantas almas tenho"

E leu mais.

De repente, com uma alegria doida, descobriu que Fernando Pessoa virava Alberto Caeiro. E virava Álvaro de Campos. E virava Ricardo Reis.

Ela riu baixinho, porque estava lendo o livro de um guerreiro destemido que inventava muitos nomes para ele. Coisa que ela também gostava de fazer.

Quem vê é só o que vê,
Quem sente não é quem é

Então existia uma beleza assim! Por isso a tia Marta a convidara para entrar em seu quarto-biblioteca. E ela ainda pensou: “Vai ver, toda biblioteca é um lugar encantado”.

Ela ficou muito tempo naquela biblioteca de estilo manuelino. Leu páginas e páginas do Fernando Pessoa. Era a sua comemoração dos duzentos anos da chegada da família real.

Era também a comemoração da chegada de um pássaro. Afinal, Nídia tinha muitas almas. Nem sabia quantas. Mas sabia que sentia. Que podia continuar sentindo. E, recém-saída do ninho, podia voar.

Trecho do romance “A mocinha do Mercado Central”, de Stella Maris Rezende, editado pela Globo Livros, ilustrações de Laurent Cardon. Prêmio Jabuti de Melhor Livro Juvenil e Prêmio Jabuti de O Livro de Ficção do Ano, Prêmio João-de-Barro, Catálogo da Feira de Bolonha, Altamente Recomendável para Jovens pela FNLIJ, entre outros prêmios.

Advertência: este texto foi liberado exclusivamente para o projeto Combinando Palavras, sendo assim terminantemente proibida qualquer reprodução!

